



6º Congresso de Pós-Graduação

UMA EDUCAÇÃO PARA ALÉM DO BEM E DO MAL – DEUS E O DIABO NAS EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS DA CONTEMPORANEIDADE

Autor(es)

SÉRGIO DE OLIVEIRA SANTOS

Co-Autor(es)

CÉSAR DONIZETTI PEREIRA LEITE

Orientador(es)

EVERALDO TADEU QUILICI GONZALES

1. Introdução

“Em algum ponto perdido deste universo, cujo clarão se estende a inúmeros sistemas solares, houve, uma vez, um astro sobre o qual animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o instante da maior mentira e da suprema arrogância da história universal”[1]

em movimento. Seja pela imensidão espacial a que remete o pensar do leitor conduzindo pelo o universo e seus sistemas; seja por colocá-lo em relação a si mesmo e suas produções de conhecimento. É fato também que deixa o leitor em posição desconfortável se o levar a questionar sua implicação na condição das relações humanas nesse início do século XXI.

NIETZSCHE, F. apud Foucault. p.13. 1996.

[1]

2. Objetivos

O presente artigo tem por como escopo traçar algumas considerações acerca das produções de conhecimento realizadas pelo ser humano e como estas influenciam em sua relação com o outro. E deste ponto pensar em uma forma de educação que possa estar a serviço da humanidade e não de interesses escusos e segregadores. É justo destacar que o presente artigo não se preza a provar ou a negar a existência de espaços metafísicos, tal como céu e inferno, ou figuras como Deus e o Diabo. O que aqui se tem é a consideração dos discursos produzidos acerca destes nas perspectivas de “bem e do mal”.

3. Desenvolvimento

Um dos principais autores deste trabalho é Walter Benjamin por falar da importância do resgate da história e sobre experiência. Para o autor experiência é tudo aquilo que auxilia o ser humano a apreciar, apreender e viver a vida. É a “moral da história” que se faz referência para ele ao ter de lidar com as vicissitudes próprias de sua condição. O principal dissimulador da experiência é para Benjamin o narrador, uma figura que “dá conselhos”, não como sinônimo de responder, mas sim como “uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada”. Essa figura está desaparecendo, pois as experiências comunicáveis também estão desaparecendo.

Diante das contribuições de Nietzsche sobre o conhecimento temos este não é algo “em si”, algo natural, unânime e estático, mas que é produzido histórico-culturalmente perante embates, litígios, risos, deploração e ódio. É algo ocasional, contingente, particular e por vezes universal junto dos consensos firmados. É sempre “perspectivo” e por isso pode ser utilizado em diversas tramas da própria faculdade do pensar humano e nas relações interpessoais.

O novo não surge do nada. Há sempre a necessidade de um referencial. Assim, a humanidade deve ter o passado como inspiração e exemplo em suas ações no presente. Para Benjamin a retomada da história deve ocorrer “a contrapelo”: não aquela dos vencedores, mas aquela que poderia ter sido outra, que foi sufocada, mas deixou interrogações, lacunas, brancos que são tantos sinais de alteridade e de resistência” [1]. Neste caso Nietzsche diria que é necessário resgatar a moral dos senhores que, por muito, é sufocada pela dos escravos.

O mecanismo de atribuição de valores pelo escravo dá-se a partir do seu ressentimento em relação às características nobres, belas, corajosas do senhor, daquele que é mais forte que ele, ou simplesmente diferente dele. Nesse milímetro o escravo tem-se como “bom” ao julgar que as características de seu desigual são “más”. Por outro lado o senhor, em busca de sua bem-aventurança, concebe primeiramente o que é “bom” para si e só depois, no descortinar de cada dia, cria referências sobre o “ruim”. A aurora da moral do nobre está em sua auto-afirmação, em um bendito SIM! Enquanto que a moral do escravo nasce da negação do outro que inveja e não tem condições de superar ou mesmo se igualar. Assentados em um perpétuo NÃO! os escravos não criam valores, eles se opõem e deturpam os valores manifestados pelos nobres. Seu intento é transformar em força a própria fraqueza. A bem-aventurança do fraco é diminuir o forte. É obrigá-lo a proceder como ele. Para tanto, vive em seu enalço reunindo e forjando eventos que possam incutir em seu âmago um processo necrótico chamado **culpa**.

O espírito gregário, inversão do espírito livre, tem como fundamento a consolidação de atitudes e formas de pensar e agir que sejam tradicionalistas e estejam incutidas nas práticas cotidianas de seus pares. O habitual se torna lei e se abate por todo o rebanho. Questionamentos e dúvidas são frutos dos imorais que não querem se submeter à lei. O que é diferente manifesta-se como odiável. A solução encontrada pela coletividade a esse tipo de afronta é a domesticação ou a eliminação do dissidente.

Paraíso e Inferno

Diante da incapacidade de reagir ao forte, o fraco ressentido e produz discursos que intentam principalmente conservar-se neste mundo terreno, bem como em outros mundos metafísicos. Diante da necessidade da preservação a qualquer custo e da prerrogativa de que “bom” é quem não lhe causa temor e “mau” quem lhe faz temer, o ser humano escravo cria um Deus Bom (Javé) que não lhe aflige, não lhe atormenta, que lhe ama e que seguindo seus preceitos irá para um lugar aonde poderá contemplar a vida e ser feliz eternamente (paraíso). Da mesma maneira, cria um Deus Mau (Lúcifer, Satanás) que lhe atormenta, que o leva a cometer atrocidades e que se ceder à sedução do maligno irá queimar no fogo eterno (inferno).

A cultura ocidental está repleta de criações artísticas e concepções sobre o paraíso e o inferno. Junto a essas produções há características que marcam inconfundivelmente a essência ou de cada um desses locais. A característica principal do paraíso é a contemplação de Deus, a mais sublime imagem fonte de um prazer inimaginável. Por outra forma, o inferno é marcado pelo sofrimento eterno que tomou forma no imaginário da cultura ocidental através do poema épico *Inferno* escrito por Dante Alighieri.

Na obra de Dante todo pecado é uma quebra da lei de Deus ou a negação de sua glória, porém suas conseqüências podem diferir. Assim, o destino da pessoa na vida após a morte é resultado das escolhas que fez durante a vida, e em cada anel do inferno há pecados que qualquer mortal pode cometer. Diante de uma vida detestável, brutal e breve na Idade Média a esperança do paraíso divino era o motor do enfrentamento da vida repleta de sofrimento que levava quase toda humanidade. O que menos se queria era uma vida eterna (tomada no sentido de um presente contínuo) semelhante à terrena. Além das condições miseráveis de sobrevivência, o inferno também era representado até o século XIV, principalmente nas religiões cristãs, pela Geena, um depósito de lixo de Jerusalém, onde desembocava todos os esgotos, repleto de bolor, fogo e vermes que “nunca” morriam.

Dite ou Lúcifer é descrito por Dante como Aquele que está congelado até a cintura em um vale de lágrimas choradas por Ele mesmo. Possui três cabeças que são uma estúrdia à Santíssima Trindade. Enquanto Deus é força, sabedoria e amor, Lúcifer é impotência, ignorância e ódio. Em *Inferno* fica evidente que o Diabo é tido na perspectiva de “bem e mal”. Contudo, noutras obras tal figura é tomada por outra perspectiva. É o caso da obra “*O advogado do Diabo*” (Devil’s advocate, 1997) em que o diabo é tomado como um humanista que esteve aqui na Terra desde o início de tudo nutrindo cada sensação que o homem foi inspirado a ter. Preocupou-se com os desejos desse e nunca o rejeitou ou julgou por suas imperfeições. Ao contrário de Deus que sempre foi um sádico, um tirano, um patrão ausente. Nesse sentido acrescenta Nietzsche: “O criador queria desviar de si mesmo o olhar e criou o mundo, (...) obra de um deus dolente e atormentado. Para quem sofre é uma alegria esquecer o seu sofrimento. Alegria inebriante e esquecimento de si mesmo me pareceu um dia o mundo”[2].

[1] BENJAMIN, W. (1996).

[2] NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. “Dos crentes em além-mundos”. pp. 38-39. 2006.

4. Resultado e Discussão

Uma educação para além do bem e o mal

Diante das inúmeras considerações e confusões apresentadas até o presente momento neste trabalho e agora dando ênfase a epígrafe de Ihe deu início temos que o conhecimento é uma invenção humana. Não há um *RNA* ou algo na estrutura ou natureza humana que defina a origem do conhecimento. O que se tem como certo, nestas circunstâncias, é que o conhecimento é resultante de embates, de conflitos, de choques ou consonância de valores criados pelo ser humano no intento de se conservar.

No início somente os povos avaliavam e criavam. Havia apenas a moral do rebanho. Depois de um longo tempo, depois de muitas avaliações o ser humano criou o que se conhece hoje como sujeito. A partir de então, ele é impulsionado a criar-se, a buscar a “escultura de si”, o conhecimento de si (e do outro) e tornar-se um espírito livre. Contudo, essa é uma árdua batalha, que poucos se arriscam a enfrentar, pois educar(-se) não é um ato de amor, mas sim a disposição de estar em contato com o outro e digladiar com ele para que do atrito entre suas “espadas”, palavras e valores surja a centelha do que se tem como conhecimento e junto dele a expectativa de quem procura a experiência de sentir-se vivo.

Poderiam argumentar os educadores que o cotidiano de suas escolas já é um perfeito campo de batalhas por conta da violência física e psíquica que sofrem no exercício de sua função. Entretanto, poder-se-ia questionar até que ponto o conteúdo de suas aulas não é uma afronta aos estudantes por estar aquém de suas necessidades cotidianas e humanas? Não haveria como afirmar quais seriam essas tais necessidades dos estudantes agora, porém arrisca-se a dizer, com todo respeito aos colegas que lecionam tal conteúdo, que não seria a fórmula de Bhaskara enquanto está acontecendo um tiroteio entre traficantes e polícia nos arredores da escola.

Uma educação para além do bem e do mal não estaria alicerçada nos conteúdos, mas sim na capacidade de criação dos estudantes, na intenção de que estes possam avaliar e criar os seus valores. Só dessa forma

poder-se-ia dizer que as ideologias não são uma ameaça ao ser humano, mas sim suporte para seu desenvolvimento e posicionamento perante a vida. É claro que os conteúdos não devem ser deixados de lado. O próprio Nietzsche nos acena dizendo que educação e cultura são sinônimos de “adestramento seletivo” e “formação de si”. Destarte, urge a necessidade de que os indivíduos aprendam determinadas regras, adquiram certos hábitos e comecem a criar o seu próprio conhecimento, a enfrentar-se, ou seja, reavaliar os conhecimentos que adquiriu até dado momento.

Uma educação para além do bem e do mal deve regatar o “*sentido da terra*”, o oposto do sentido metafísico que menospreza a realidade terrena em prol de um além-mundo, que sufoca o sujeito através da manipulação de figuras como Deus e Diabo que, por sua vez, dependendo da perspectiva que são adotadas, também se encontram para além do bem e do mal. O “*sentido da terra*” traz consigo uma dimensão que o capitalismo e seus tentáculos fazem questão de banir da cultura ocidental que é a dimensão trágica da existência humana imprimindo no sujeito a ilusão de ser um ser onipotente que não deve sentir dor. Ao contrário, acredita-se na dignidade da dor em não buscar formas de dominação onde o mundo gire ao redor do próprio sujeito, mas que lhe possibilite transpor todos os obstáculos para a afirmação de si e a superação das desumanidades do seu próprio tempo. Como diriam Itamar Assumpção e Paulo Leminsky “um homem com uma dor é muito mais elegante. Caminha assim de lado, como se chegando atrasado andasse mais adiante”.

5. Considerações Finais

Em linhas conclusivas Deus e Diabo podem ser tidos como conceitos, constructos ou princípios de organização e produção de conhecimentos na vida humana. Em nenhum momento buscou-se neste trabalho negar ao ser humano uma possível esfera transcendente em sua vida. Ao contrário, acredita-se que ela pode ser de suma importância para o sujeito superar os desafios de seu tempo. Contudo, combate veementemente a manipulação das possibilidades de experiências nessa esfera através da dominação e colonização do espaço que há entre o “eu” e o “outro”.

Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, W. (1996) “O narrador”. In: _____ (1996) “**Experiência e pobreza**”. In: _____ (1996) “Sobre o Conceito de História”. In: **DIAS, R. M. FOUCAULT, M. NIETZSCHE, F. Assim Falou Zaratustra**. Martin Claret. São Paulo: 2005.
- _____ **Humano, Demasiado Humano**: um livro para espíritos livres. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras 2000.
- _____ **A Gaia Ciência**. Tradução, notas e posfácio. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras 2001.
- _____ **Além do Bem e do Mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras 1992.